

# Urge (re) pensar a política desportiva

Dom. 26/6/1988

por Salvador Raimundo

Ouvimos que foram alguns cidadãos afectos à actividade desportiva nacional, nas mais diferentes «latitudes», como sejam médicos, psicólogos, técnicos graduados, dirigentes da segunda divisão, operários, entre outros, cumpriram hoje dar o nosso parecer em volta desta questão que, desde que Albino Magaia «abriu o livro», tem cria-

necessidades que motivassem a sua criação.

Então, por que a existência de clubes «grandes» e «pequenos»? Pelo que conhecemos da história de alguns clubes «grandes», e acrescentando o que mais acima mencionámos, somos de opinião que a motivação básica e originária da criação de clubes e seu de-

que os clubes dos subúrbios conseguissem na sua área de residência, depois das árduas horas de trabalho, que os seus utentes tivessem voluntariamente os seus tempos de diversão. Foi desta forma que apareceu o Nacional Africano, o Nova Aliança do Xipamane, o Munhuanense «Azar», «Unidos» da Beira, entre outros, alguns dos quais anos volvidos vítimas de constantes perseguições pelo regime colonial, como aconteceu com alguns dirigentes do antigo elenco directivo do 1.º de Maio, onde a acção do administrador Ferraz de Freitas, — vulgo Malalanhane — foi predominante. Mas essa é outra questão...

## NECESSARIO REVER AS INTEGRAÇÕES

Com o acontecimento do 25 de Junho de há treze anos, grande número de «carolas» que sustentavam algumas agremiações desportivas denominadas de «grandes» e mesmo as «pequenas», começaram a abandonar o país, deixando à sua trás imensas dificuldades de funcionamento das colectividades desportivas. Contudo, a força de vontade das pessoas que logo depois tomaram conta da actividade desportiva contribuiu para que o desporto não morresse.

A mistificação de que o desporto era (é) alvo, a miséria em que viviam os «clubes», tanto «grandes» como os chamados «pequenos», levou a que estes últimos se unificassem com vista à solução de problemas na altura vigentes; paralelamente, quando do 1.º Seminário Nacional de Desporto Federado, decidiu-se que as agremiações desportivas tinham que se integrar em empresas e instituições, com vista à solução de problemas financeiros e materiais.

A partir dessa altura, muitos foram os clubes que começaram a evidenciar esforços no sentido de encontrar uma empresa com capacidade financeira e disposta a dar

nados de «grandes» na arena nacional ou provincial. Por outro lado, as empresas pensaram, à partida, que com as integrações iriam beneficiar de alguns lucros resultantes da actividade desportiva, o que não tem acontecido, levando a que haja muitas desintegrações.

Uma coisa é certa. As integrações, com a implementação do Programa de Reabilitação Económica, terão que ser revistas. Vamos explicar.

**Primeiro:** Com as integrações dos clubes em empresas e instituições, muitas direcções de clubes tornaram-se parasitas. Deixaram de ter iniciativas criadoras de modo à obtenção de lucros capazes de suportar algumas despesas tendentes a se multiplicar com o cada vez maior afluxo de praticantes nos mais diversos desportos. Talvez como forma de dar um apoio à empresa integradora...

Na verdade, os nossos clubes ficam-se à espera que chegue o fim do mês ou o início da época desportiva para «exigirem», pura e simplesmente, verbas às entidades integradoras.

Fontes não oficiais, dão conta da existência de duas colectividades das tais «grandes» da capital do país, que antes do PRE recebiam da empresa integradora, uma delas seis a dezoito milhões de meticais por mês, enquanto que a outra recebeu, para a presente temporada, nada mais nada menos que 80 milhões de meticais.

**Século:** Resultante das integrações, muitos jogadores têm beneficiado de emprego — fictício, por vezes — que lhes garantem continuar a sua actividade desportiva no clube respectivo. Este sistema leva a que dentro de mais alguns anos, se a situação se mantiver, as empresas que têm a responsabilidade de garantir o sustento dos clubes, terão um número incalculável de trabalhadores que nada produzem, contribuindo dessa forma para a queda de produção e produtividade.

que apontam os clubes como sendo «penduras».

Busquem, os clubes, iniciativas como a realização de rifas, verbenas, bingos e, para a garantia da dieta dos seus jogadores, façam machambas.

## (RE)PENSAR NA POLÍTICA DESPORTIVA

Temos para nós que a profissionalização do desporto passa, necessariamente, por três importantes factores a ter em conta:

- a) Capacidade financeira dos clubes, associações, Federações nacionais (que devem ser autónomas);
- b) Capacidade administrativa das entidades atrás descritas
- c) Disponibilidade de tempo.

Sem se ter em linha de conta estes factores, nada feito. Mesmo para o tipo de desporto que actualmente se desenvolve no país, o tal semi-profissionalismo, não é possível sem aqueles factores.

A experiência diz-nos que o funcionamento das entidades desportivas deixa muito a desejar. Muitos são os cidadãos que, entrevistados, focam-nos sempre a ausência de uma política desportiva.

Os factos acima mencionados são possíveis no nosso seio, tendo em linha de conta as avultadas somas em dinheiro que mensalmente são disponibilizadas às agremiações desportivas, que poderão servir de ponto de partida para se auto-financiarem, tornando-se por si próprios clubes-empresas.

Aliás, poderiam usar o dinheiro que os clubes utilizam para contratar técnicos estrangeiros para orientar equipas seniores em detrimento da formação desportiva, antes que se tenha disponibilizado material de trabalho para que esse «prestigiado treinador» (contratado com a «capa» de técnico químico ou civil) desenvolva a sua actividade de acordo com as necessidades da agremiação e não na (maioria das vezes) do país.

Ainda a propósito desta questão, existem clubes que chegam a contratar dois, três treinadores estrangeiros de futebol numa só temporada; ou porque o primeiro era incompetente e não ganhava jogos na equipa sénior onde fora afecto, ou ainda porque cria um ambiente instável na equipa (exigente...). Enfim...

Urge (re) pensar na política desportiva, porque de facto o futebol moçambicano não é amador. Os acontecimentos que ultimamente têm espelhado o nosso desporto em geral, são próprios de um desporto não-amador, como teimosamente ainda se diz algures por aí.

Com todos estes factos, estamos cientes de que o único meio capaz de resolver a triste situação do desporto moçambicano é, sem dúvida, enveredarmos pelo profissionalismo do futebol, à nossa maneira, sem copiar aquilo que os outros fazem, logicamente confiantes na sua tecnologia. Mas isto passa por uma política desportiva bem definida.

Estamos cientes das dificuldades que algumas modalidades desportivas que não sejam o futebol e o basquetebol irão enfrentar, mas com todos os aspectos bem assentes, pensamos que o problema de descontinuação de que é vítima o andebol, o voleibol, o atletismo, poderá ter uma solução adequada.

A finalizar, repisamos a necessidade de se (re)pensar na política desportiva, de modo a solucionar-se «ene» número de questões parricidas na nossa actividade desportiva que, apesar disso, tem caminhado satisfatoriamente rumo a um futuro promissor, particularmente nas modalidades como o andebol e o basquetebol.



do muito interesse no seio daqueles que se interessam verdadeiramente pelo nosso desporto nacional. Estamos a falar da questão do profissionalismo no nosso desporto.

Para tratar deste assunto, vamos-nos obrigados a historiar a origem dos clubes desportivos, aliás, os principais fazedores do desporto nacional.

Pois bem, particularizando o caso concreto das agremiações desportivas, importa, acima de tudo, ter uma ideia correcta acerca de quais as motivações que deram origem ao seu aparecimento e, principalmente, quais as condições concretas detectadas, que deram origem à necessidade expressa de se construir uma agremiação desportiva como meio de resposta e de encontro de soluções de problemas.

Em geral, o clube desportivo constitui a resposta social habitualmente encontrada pelas populações para, através da sua participação colectiva responsável, ultrapassar carências detectadas no âmbito da actividade desportiva e contribuir com a sua acção para o encontro de soluções referentes a um só ou a um conjunto de aspectos, como o da ocupação de tempos livres e às necessidades de grupos restritos.

Determinados alguns objectivos, de acordo com as condições vigentes, foram-se reforçando os recursos materiais e humanos para alcançar tais objectivos. Desta forma, definiram-se as perspectivas doutrinárias e a função social que se pretendia ver desempenhar pelo clube desportivo em criação, e caminhava-se rumo ao futuro segundo das condições internas da colectividade e das infra-estruturas, que correspondessem e solucionassem cada vez melhor as carências e

envolvimento nos tempos que já lá vão, assentou quase exclusivamente na intenção de corresponder às necessidades dos «carolas» que, com vista à sua promoção sócio-económica, os levou a criar o clube desportivo. Muitas das vezes por meio de uma prática desportiva reservada, portanto, a um número restrito de praticantes, escolhidos (numa primeira fase) logicamente entre os mais privilegiados e detentores de alguns requisitos técnicos e físicos, em detrimento da maioria esmagadora (constituída maioritariamente por operários negros).

Estes factos deram origem a uma preocupação expressa das populações suburbanas em se auto-organizarem, como forma de dar resposta às carências desportivas locais; como processo prático de, juntos, poderem avançar no sentido da promoção de actividades desportivas destinadas à ocupação dos tempos livres dos suburbanos, também como forma de esquecer, por pouco tempo que fosse, a humilhação de que eram vítimas.

Conscientes das suas actividades, a prática desportiva suburbana foi ganhando maior ímpeto com o aparecimento espontâneo de Mata-teu, Eusébio, Vicente, Mussumbuluco, Hilário, Coluna, entre muitos outros, mas compreendendo, no meio dessa acção, claramente que não se tratava (longe disso) de copiar no subúrbio, da Mafalala ou da então São Benedito (actual Mangochi), o «modelo» do «grande» clube desportivo de «baixa» ou de Matquimino, que eles na maioria das vezes conheciam da sua experiência de sócios dessas agremiações mais «poderosas» em termos financeiros.

Impunha-se, sim e pelo contrário,



o seu contributo à causa da colectividade desportiva.

O certo é que muitas agremiações não conseguiram ter a sorte que poucos clubes tiveram, pois as empresas integradoras antes preferiam unir-se aos clubes denomi-

É a entrega dos jogadores e outros na actividade desportiva dos clubes a tempo inteiro, que muitos consideram o desporto moçambicano, em particular o futebol, de semi-profissional, entre outras razões. Perante tudo isto, aliamos-nos aos